

FESTAS POPULARES DA BAHIA: CORPO, CULTURA, FESTA E CONTEXTO PANDÊMICO

POPULAR PARTIES IN BAHIA: BODY, CULTURE, PARTY AND PANDEMIC CONTEXT

Suzana Alves Nogueira Souza 1
Luís Vítor Castro Júnior 2
Jéssica Reis Cavalcante Santos 3
Claudio Ressurreição dos Santos 4

Resumo: Este texto tematiza as festas populares da Bahia, principalmente as festas juninas, estabelecendo relação com o corpo e o contexto pandêmico. O objetivo geral foi discutir a importância das festas populares da Bahia à luz das implicações sofridas por essas manifestações culturais em decorrência do contexto pandêmico. Para isso, buscamos, especificamente, estabelecer uma relação entre os conceitos de festa e corpo; caracterizar as festas populares juninas como lugar de memória e de identidades; e analisar os efeitos que a pandemia da Covid-19 impõe sobre as festas populares baianas. A metodologia, de abordagem qualitativa, contemplou a Revisão Narrativa e a Análise de Conteúdo. Os resultados apontam que as festas fazem parte do processo de humanização e permitem que identidades se manifestem, circunscritas pelas histórias, memórias e culturas.

Palavras-chave: Festas populares. Corpo. Pandemia.

Abstract: This text discusses popular celebrations in Bahia, especially June's celebrations, establishing a relation with the body and the pandemic context. The general objective was to discuss the importance of the popular celebrations in Bahia under the implications suffered by those cultural manifestations as a result of the pandemic context. For this, we specifically seek to establish a relation between the concepts of party and body; to characterize the June's popular celebrations as a place of memory and identities; and to analyze the effects that the Covid-19 pandemic imposes on Bahia's popular celebrations. The methodology, with a qualitative approach, contemplated the Narrative Review and the Content Analysis. The results pointed that the celebrations are part of the humanization process and allow identities to manifest themselves, circumscribed by histories, memories and cultures.

Keywords: Popular Celebrations. Body. Pandemic.

- 1** Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Educação Especial pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação Física Escolar (NUPEFES/UEFS). Professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9144414967504260>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1224-6484>. E-mail: sansouza@uefs.br
- 2** Pós-doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Arte e Educação pela Université du Québec. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Bahia. Professor titular-pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/DSAU); Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: Memória, Imagem e Imaginário. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4734268200393775>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8110-6728>. E-mail: lvcjunior@uefs.br
- 3** Estudante do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista do Núcleo de Pesquisa em Educação Física Escolar (NUPEFES/UEFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1560123248904092>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1621-8568> E-mail: jessicarcasantos96@gmail.com
- 4** Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Geografia do Semiárido Brasileiro pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Educação Física Escolar (NUPEFES/UEFS). Professor da Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF). Professor da Rede Pública do Estado da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4799707918248726>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2530-8963>. E-mail: cal santos_fsa@hotmail.com

Introdução

Este texto resulta das atividades realizadas pelo Núcleo de Pesquisa em Educação Física Escolar (NUPEFES), mais precisamente, trata-se do registro da segunda edição do CONEXÃO NUPEFES, uma série de *lives* formativas que visam a tematizar diferentes conteúdos de ensino da Educação Física, as quais são realizadas quinzenalmente, às terças-feiras, de forma remota, com transmissão *on-line* simultânea pelo canal do núcleo no *YouTube*. Nessa edição, o tema tratado foi o que aparece intitulado este texto, e as discussões implementadas encontram-se abaixo documentadas.

Estamos diante de um panorama que não é fácil digerir: mais de quinhentos mil¹ mortos no Brasil em função da pandemia da Covid-19, que nos tem feito viver uma sensação de luto perene, em que nem dá tempo de superar uma perda e já nos deparamos com outra e outras, ocasionando sentimentos de medo, frustração e insegurança, entre outros. Entretanto, mesmo diante de tantas mortes, temos a função de tentar reacender uma fogueira² de esperança para as pessoas. E falar de festa é sempre uma possibilidade de aquecer o coração³, tal qual a fogueira dos nossos festejos juninos, posto que recorrentemente recobra memórias, evocando “lembranças que procuram assegurar um sentido de identidade” (ANDRADE, 2012, p. 36). Identidade aqui concebida como “o sentido subjetivo que se vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais (GOFFMAN, 2004, p. 91) e que, portanto, é relacional, simbólica, social (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012).

Neste contexto, o presente texto tem por objetivo geral discutir acerca da importância das festas populares da Bahia à luz das implicações sofridas por essas manifestações culturais em decorrência do contexto pandêmico que estamos vivenciando. Especificamente, objetivamos: a) estabelecer uma relação entre os conceitos de festa e corpo; b) caracterizar as festas populares juninas como lugar de memória e de identidades; c) analisar os efeitos que a pandemia da Covid-19 impõe sobre as festas populares baianas, principalmente as festas juninas.

A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, que se ocupa “com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2007, p. 21).

Tendo em vista a natureza dos objetivos traçados, recorreremos Revisão Narrativa como perspectiva metodológica. Segundo Rother (2007, p. 01), os artigos que se utilizam desta metodologia se “constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor.” A escolha por este método se deu porque concordamos que os artigos de Revisão Narrativa “permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo [...] e são qualitativos” (ROTHER, 2007, p. 01), sendo constituídos de: Introdução; Desenvolvimento, que pode ser subdividido em sessões a critério do autor; Comentários ou Considerações Finais; e Referências.

A análise dos dados se deu através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2014), que se trata de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que empregam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, e se organiza em três etapas: 1. Pré-análise, que consiste na organização dos conteúdos a serem analisados – e aqui se deu na fase da transcrição e adequação do Conexão NUPEFES, juntamente com o levantamento bibliográfico, sistematizando as ideias iniciais e conduzindo a um plano de análise a partir das seguintes categorias temáticas:

1 Em junho de 2021.

2 Falamos em acender fogueira já aproveitando o contexto dos festejos juninos, mais especificamente o dia do nascimento de São João Batista que, segundo o folclore religioso do nosso povo brasileiro misturado a relatos bíblicos, no momento do nascimento de João, seu pai, Zacarias, teria acendido uma fogueira defronte a sua casa para avisar aos vizinhos sobre a chegada do filho, já que, por ter questionado a mensagem divina anunciada pelo Anjo Gabriel, duvidando da gestação de sua esposa Isabel, que era idosa, teria sido punido ficando mudo até o momento da circuncisão do menino, quando conseguiu desenrolar sua língua e proclamar as maravilhas de Deus, conforme Evangelho de Lucas 1, 57-80.

3 O termo coração aqui debela uma conotação carregada de contexto emotivo, psicológico e social, diante da triste realidade brasileira frente ao combate da COVID-19, uma forma expressiva de conviver com a esperança em virtude da dor da morte.

a) festa e corpo; b) pandemia da Covid-19 e festas juninas; 2. Exploração do Material que trata de decodificar e analisar o material que foi organizado: A transcrição do conteúdo das falas do CONEXÃO NUPEFES se constituiu na unidade de contexto que é parte do material necessário para ser examinado para que uma unidade de registro seja caracterizada. De posse da transcrição elencamos as unidades de registro, que foram trechos dos conteúdos das falas. É uma unidade de significação a ser codificada e corresponde ao menor segmento de conteúdo a ser considerado como unidade de base, visando à categorização; 3. Tratamento dos resultados obtidos, que pode sugerir conclusões e interpretações referentes aos objetivos que foram presumidos e favorecer novas descobertas.

Reflexões sobre a festa

Quando se fala de festa, na verdade se está falando um pouco da nossa história, das nossas memórias, principalmente as memórias afetivas. Assim, as festas “são fluxos de acontecimentos únicos que têm suas tramas, seus efeitos, seus segredos e suas aberturas” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 26), e se pautam em memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990) que constituem as tradições orais e os imaginários populares. Concebemos memória “como uma construção do presente, a partir de experiências e vivências do passado. Uma memória aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, pela qual busca salvar o passado do esquecimento e edificar o presente e o futuro” (CUNHA, 2008, p. 202).

A festa é, em si, um lugar de memória, onde o corpo vivencia experiências que se manifestam de forma repetitiva, mas singular, reconfigurando o passado, mas sempre fazendo emergir sua ressignificação a partir dos contornos do presente:

Pelo viés da memória é possível analisar o vivido e recordá-lo, é fazer o tempo passado se presentificar analítica e oralmente, *subjetivar* publicamente quem já está sendo relegado ao esquecimento. Pierre Nora já dizia que a memória é vida por ser carregada por grupos vivos, estando, portanto, sempre em evolução; passível de lembrança e de esquecimento; vulnerável aos usos e manipulações; suscetível a possíveis latências e revitalizações, enfim, um elo vivido no eterno presente (TEDESCO, 2002, p. 43).

Um exemplo disso, e que aqui tematizamos, são as festas juninas, que incluem as tradicionais personagens com seus trajes e pratos típicos, as fogueiras, as danças e brincadeiras características, mas também abrigam “democraticamente” outras formas de expressões que são forjadas pela indústria do entretenimento, que impõe configurações mais recentes, como ritmos novos (sertanejo, pisadinha, forró universitários, entre outros), além de figurinos da cultura *cowntury*, *shows* musicais de gêneros que parecem não se relacionar com o contexto junino etc., mas que constituem a diversidade corporal que se manifesta, concretiza e vivencia a festa.

Assim, a festa é também tempo e lugar do corpo, dos corpos que interagem, divertem-se, trabalham, relacionam-se e se socializam. Os corpos que ali se encontram “constituem-se em espetáculos encenados no grande espetáculo da festa – lugar de memória” (ANDRADE *et al.*, 2014, p. 61).

É preciso entender que a festa se estabeleceu desde os primórdios da humanidade sendo, portanto, uma questão ontológica, que atravessa a história. Destarte, a festa pode ser concebida como

Uma forma primordial marcante da civilização humana, sendo espaço de expressão, imbricando tradição, símbolos e práticas. A festa é, contudo, uma maneira de transmitir para novas gerações práticas tradicionais e históricas a determinados

processos de vida e trabalho. Nesses espaços, percebemos o universo da oralidade popular brasileira constituído não só de símbolos e gestualidade, mas de uma apropriação corporal singular dos sujeitos que habitam tais locais. Sujeitos estes que recriam através de seus arquivos corporais, contando-nos no espaço do aqui e agora da performance uma história incorporada numa integração entre passado-presente-futuro (COSTA; PEREIRA, 1994, p. 91).

Desde o surgimento do *homo sapiens*, a festa se faz presente. Os povos pré-históricos registravam nas pinturas rupestres a importância da festa: quando dançavam ou praticavam rituais, estavam celebrando, ou seja, festejando, e isso fazia parte de seu processo de humanização – apropriação da cultura a partir das relações humanas que comunicavam entre si. “Humanizar é tornar-se humano, adquirir novos hábitos mais apropriados sob o prisma da ética e da moral distanciando-se da ignorância, estupidez, desamor... É educar-se sendo mais benévolo, enfim, evoluir o ‘eu espírito’. A humanização deve existir em todas as nossas ações” (TRENTIN, s/d, p. 01).

Assim também a multiplicidade dos grupos étnicos indígenas brasileiros que aqui estavam à época da chegada dos portugueses já praticava seus ritos celebrativos, nos quais dançavam e se rejubilavam pela natureza ou por suas divindades, faziam seus ritos de iniciação e de passagem, realizavam cerimônias cujo ato de celebração potencializava as expressões estéticas do corpo através da dança, do canto e da pintura como forma de revigorar toda a sua ancestralidade e dispositivo utilizado para homenagear os antepassados e os espíritos da natureza.

Deste 1500 até os dias atuais, as populações indígenas sofreram um processo de conquista que se baseava na aculturação de seus saberes, crenças e hábitos civilizatórios. O projeto instituído pelo colonizador pautava-se na exploração dos bens materiais da natureza e na apropriação dos corpos considerados sem espírito, levando a uma drástica realidade de genocídio populacional dos indígenas e um bárbaro etnocídio cultural e ancestral.

Neste sentido, o processo de colonização do Brasil e todas as relações de poder e hegemonia que se estabeleceram, também vai impactar os contextos festivos que sofreram alterações, porque a relação que os povos indígenas mantinham em relação ao divino e à natureza era totalmente diferente daquela imposta pelos europeus.

A cultura dos colonizadores, inclusive, sobrepunha-se às formas de entendimento dos povos colonizados, subjugando-as, desconsiderando-as, principalmente porque se tratavam de uma outra cosmovisão, muito partilhada com a dos povos africanos em alguns aspectos. Neste sentido, o que se tem e entende hoje como festa popular brasileira é o resultado desse encontro de culturas, com seus ritos e rituais, que congregam os sentidos litúrgicos que superam uma ideia dicotômica entre sagrado e profano. Portanto, revela traços culturais de histórias, memórias e imaginários com uma forte diversidade cultural.

A festa popular é formada por experiências históricas; é fruto das movimentações e interconexões dos corpos-culturais que constituem uma das formas mais reveladoras do modo de ser de um grupo, de uma cidade e de um país e nesse espaço “intervalar”, que ficam suspensas algumas normas sociais, e outras são invertidas (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 26).

E aqui se pode fazer um recorte para a realidade da Bahia, levando em consideração as circunstâncias históricas de todo processo colonial que reverbera em múltiplos campos de significações ocorridos ao longo do tempo, e que no Estado da Bahia revela forte marcas culturais de experiências festivas singulares e plurais. Neste contexto, Martha Abreu (2013) nos provoca a pensar: como entender hoje a continuidade dessas festas populares?

Fazendo referência especificamente à festa de São João na Bahia, o que temos é uma multiplicidade de identidades e memórias que se encontram e, democraticamente, constituem a

festa, dando continuidade aos ritos criados no passado e, ao mesmo tempo, reatualizando essas identidades e memórias que são coletivas, mas também são singulares, individuais.

A Festa de São João, muito forte na região Nordeste do Brasil, tem uma forte marca da tradição cristã: São Joao Batista, aquele que anunciou a vinda de Cristo. Embora existam elementos estéticos nos quais os nordestinos se reconheçam nesta festa através da fogueira, comidas típicas e quadrilha, entre outros, existe uma multiplicidade de outras expressões culturais que impossibilita que se façam generalizações, mesmo levando em consideração o Estado da Bahia.

Neste sentido, cada cidade do interior do Estado recria e reinventa as formas de celebrar o seu São João, ocorrendo uma grande disputa entre os municípios para captarem um maior público para a cidade, a começar pela divulgação da programação, que coloca as “grandes atrações” de cantores e cantoras reconhecidos nacionalmente pela indústria radiofônica como os principais atrativos. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo com todos os dispositivos e agenciamentos de pensar a festa como um produto do consumo, ocorrem as linhas de fuga, nas quais se abrem as fissuras de práticas festivas que revelam a solidariedade (ir de casa em casa) e o ato celebrativo de dançar, brincar e se alimentar.

Outro exemplo disso é o Bando Anunciador da festa de Senhora Santana, uma festa que foi revitalizada pela Universidade Estadual de Feira de Santana, anos depois de ter sido impedida de acontecer pelo poder da diocese local, justamente porque carnavalizava o processo do festejo religioso. A intervenção da universidade criou um dispositivo de valorização da memória popular, e as pessoas começaram a se lembrar de como participavam na festa, com suas fantasias, danças e brincadeiras. Entretanto, a festa não voltou a acontecer exatamente como era antes, pois houve uma reatualização que lhe deu novas configurações, incluindo e dividindo o mesmo tempo e espaço a tradição, a novidade e suas múltiplas identidades. Assim, esta prática festiva de lazer reúne os elementos históricos, estéticos e performáticos dos corpos que dela participam, e considera as narrativas desses corpos fantasiados como lugar de contar e revigorar histórias. Portanto, as festas populares são lugares de trocas que revigoram a memória do passado em atualizações constantes e rizomáticas (CAVALCANTI; CASTRO JÚNIOR; ROCHA JUNIOR, 2020).

Quando se fala sobre esse campo das identidades, não se pode perder de vista que as identidades são plurais, múltiplas, e possuem um movimento dinâmico e constante de reatualização e representações mediado pelas relações sociais e culturais. Segundo Silva, Hall e Woodward (2012, p. 18-9), “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. Portanto, se a festa é lugar das identidades, também não dá para pensar a festa com uma coisa fechada, puramente uma tradição, como se alimentasse de si própria.

A festa é vista como momento e local do encontro, da sociabilidade, das representações e do patrimônio também; através das festas, podem-se fazer várias interfaces que permitem entender as relações de identidades étnicas, de gênero, identidades locais e nacionais. Quer dizer, são inúmeros os sentidos, os significados e as interpretações possíveis que emergem das diferentes áreas do conhecimento que se dediquem a estudar a festa e seus contextos, como é o caso da Antropologia, da Sociologia, da Educação, da Educação Física.

O espaço da festa é múltiplo e composto. Nele, as metáforas e o imaginário são potências para pensar as suas estruturas e alargar uma visão setorializada. Urge romper com uma visão mesquinha e reducionista desse acontecimento. Este terreno complexo precisa ser entendido para além da festa “fato”; para ser compreendido na festa “acontecimento”, na qual estão implicadas questões de uma lógica sociocultural que vão desde as carências até as disputas de poder. Nestes espaços há complexa performatividade, estratégias pelas quais vão mantendo-se ativas e em constante transformação a atualização e criação de personagens diversos, elaboração sonora e musical variada, diferentes danças, brincadeiras abundantes, estados corporais complexos, jogos, improvisos e encenações remetendo a ideias de outras passagens, outras

paragens (COSTA, 2018, p. 116).

É importante destacar que o conceito de performatividade “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para uma concepção de identidade como movimento e transformação” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012, p. 92). Ou seja, na festa convivem múltiplas identidades, e cada um pode ser o que quiser, sob a licença da fantasia, da imaginação e do imaginário. Assim sendo, a festa se insere em diferentes contextos e espaços: político, religioso, econômico, educacional, entre outros.

No que se refere à Educação, mais precisamente em relação à importância que as festas populares têm no campo da escola, dois elementos precisam ser apontados. Ainda tematizando as festas juninas, primeiramente alertamos que não basta ensinar as crianças a dançarem quadrilha nas aulas de Educação Física: faz-se necessário ter um programa interdisciplinar articulado com outras áreas do conhecimento, como a própria Geografia, para discutir essa ideia de espaço e território; a História para compreender os movimentos que culminaram nas configurações atuais, etc.

Logo, é preciso discutir festa de uma forma mais orgânica para acabar com aquele estereótipo que era criado em torno do matuto, da pessoa atrasada representada na personagem do Jeca Tatu, estereótipo perverso – a mesma coisa do dia do índio, em que a gente se fantasia de indígena, ratificando a estereotipia do selvagem – e a escola ainda acaba reproduzindo essas coisas sem fomentar nos estudantes a capacidade de crítica. E isso é perigoso, uma vez que os estereótipos “adquirem um enorme grau de estabilidade no tempo e um alto nível de convencionalidade social, que os torna dificilmente alteráveis, mesmo quando os atores sociais que os detêm dispõem de ulteriores informações que invalidam o seu conteúdo” (BAPTISTA, 1996, p. 06).

O segundo ponto que trazemos em relação à festa e escola é o reconhecimento de que a festa não acontece apenas numa data e, portanto, não pode ser feita da noite para o dia, nem tratada como um conteúdo emergente, que surge do nada. A festa deve ser pensada o ano todo ou, pelo menos, por um período que lhe garanta planejamento, execução, aprendizagens significativas e o evento, propriamente dito. Pensar na festa apenas nos dias que a antecedem geram diversas situações para os professores resolverem. No caso das danças típicas, nas aulas de Educação Física, por exemplo, vai ter menino que não quer dançar com a menina, ou que não quer segurar a mão – o que poderia resultar em boas intervenções pedagógicas sobre as questões de gênero –, vai ter menina/menino que quer ficar na frente, outro mais acanhado; vai ter quem não gosta de dançar, enfim, tudo isso deve ser previsto pelo professor, que pensará em soluções em conjunto com a turma que promovam aprendizagens significativas para as/os discentes em seu planejamento. E isso demanda tempo, logo, não pode ser feito às vésperas da festa junina.

Nas aulas de Educação Física, inclusive, a abordagem sobre a festa estará mais votada para a questão do corpo. A festa é também lugar do corpo e “o lugar da festa constitui-se no corpo” (COSTA, 2018, p. 111), esse corpo que é ele mesmo festa, que dança, que brinca, que come, que entra em transe, e também do corpo que trabalha, dentre outros corpos possíveis naquele espaço e instante.

O corpo que é festa, festeja, narra saberes, torna-se visível na instabilidade entre sagrado e profano, entre luzes e trevas, entre certo e errado e tantas outras dicotomias. Trata-se de um corpo que é fé e divertimento, é vida e é arte, embevece-se de tragédias e comichadas, ou seja, um corpo em exuberante produção de vida (COSTA; PEREIRA, 1994, p. 92).

Essa questão do trabalho é outro ponto que merece destaque quando se discute sobre identidade de festa, pois traz à tona discussões que parecem periféricas, mas que, ao contrário, também constituem elementos centrais da temática. A festa tem seus trabalhadores, e deste rol fazem parte também aqueles que trabalham nas margens, que são atores sociais da festa, mas que não têm grande visibilidade porque, muitas vezes, não estamos acostumados a valorizar

o que as pessoas em condições de subalternidades fazem. E mesmo estando na subalternidade e trabalhando, essas pessoas vivenciam a festa e dançam, potencializando sua singularidade, favorecendo uma certa não homogeneização das danças e dos corpos, criando assim toda uma multiplicidade de linguagens, de comunicação e de expressão.

A festa é transgressão, é individual e coletiva ao mesmo tempo, num imaginário que só é possível pela sua realização. Espaços de potências, de rupturas, de transcendências, em que o corpo que se esconde, ou não é visto, no dia a dia da cidade apropria-se desses locais detonando suas aporias, desafiando perspectivas enrijecidas de lidar e perceber o corpo. Corpo na rua, brincante, expande o inacabamento da cultura e da vida (COSTA, 2018, p. 119-20).

Logicamente, muito dessa invisibilidade se deve às influências midiáticas, pois “a mídia está presente criando e multiplicando representações” (SCHMIDT, 2001, p. 63): por exemplo, se assistirmos ao carnaval soteropolitano na TV Bandeirantes, só se verão os camarotes; mas se estivermos assistindo à programação da TV Educativa, vamos ver o que é carnaval de rua, em que se vai ter um outro cenário e essas pessoas também vão aparecer com seus corpos expressivos, festivos e dançantes.

A festa é lugar e tempo desse corpo entendido como território indeterminado, que possui uma grande capacidade de se fantasiar, de criar estratégias para poder participar da festa e de manifestar sua plasticidade, gestualidade e expressividade. Assim, na festa também é possível ver uma pessoa com muletas ou cadeira de rodas dançando e curtindo, pois ela é um espaço de inclusão. Então, esse corpo na festa é o corpo que vai se equilibrar, que vai dançar, que vai cair e vai, enfim, criar diversas narrativas para contar histórias.

As festas populares também promovem a economia das cidades onde acontecem. Um exemplo simples seria pensar no alto consumo de cervejas durante o carnaval de Salvador. No entanto, ao se considerar o contexto das festas juninas, que ocorrem primordialmente nas cidades do interior, observam-se desde os megaeventos – como é o caso da festa de São João em Cruz das Almas, BA – até aquelas festas dos espaços de sociabilidade nos povoados que alteram toda a economia local, e as cidades passam a ter uma outra feição, uma outra reorganização. Por exemplo: cidades que têm de 20 (vinte) a 30 (trinta) mil habitantes, no momento da festa de São João vão ter uma população noturna de 100 (cem) mil. Logicamente, ela precisa se estruturar a partir de uma política de segurança, hospedagem, serviços etc., e isso vai impactar diretamente sua economia, inclusive a economia doméstica, já que comumente se veem pessoas alugando suas casas para poderem ter mais uma renda, e aí se observa um novo redesenho da cidade.

No entanto, deve-se registrar que é importante valorizar as pessoas, os produtos e os aspectos sociais e culturais locais durante a festa, para fazer a geração de emprego e renda. Então, ao mesmo tempo que se tem uma estrutura grande nessas festas, com a contratação de artistas renomados, é necessário se preocupar também com a valorização dessa cultura local, do sanfoneiro tocar no palco principal, por exemplo, pois isso é importante para a sua autoestima e é uma forma de valorização e resistência cultural.

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012, p. 21).

A cidade não pode ter uma característica predatória, ela tem de pensar também nos seus moradores como pessoas que participam na festa, não só pensar nos que vêm de fora. Milton Santos (2010) discute as formas de lazer popular através das festas, e compreende justamente a festa como um espaço de resistência e de criatividade, embora também sejam capturadas pela indústria do entretenimento e se legitimem como espaço de poder. Portanto, é de suma importância que as comunidades, os distritos e povoados que ainda estão fazendo suas festas da sanfona disputem espaço e constituam suas narrativas nas festas com o intuito de valorizarem e fortalecerem as memórias e identidades culturais. E o poder público deverá estar atento para pensar e mediar ações de inclusão no contexto festivo, principalmente quando retornarem as festas juninas, após a pandemia.

E por falar em pandemia, não se pode deixar de mencionar os impactos e efeitos que ela tem exercido sobre as comunidades em 2020 e 2021 e, de modo específico, sobre as nossas festas, impedindo-as de acontecer por conta da necessidade de se dissiparem quaisquer formas de aglomeração para controle do coronavírus⁴. Uma das principais formas de controle do avanço da Covid-19 é o distanciamento social, que inclui:

Uma parada momentânea de práticas que, sabemos, são favoráveis a nossa humanização, como os cumprimentos, os toques e mesmo as relações sexuais. Tudo isso para que se mantenha a distância necessária entre as pessoas para que o Coronavírus não se espalhe e se controle o contágio da doença. Destarte, o distanciamento social é indicado para pessoas não infectadas (ANDRADE; BORDAS, 2020, p. 08-09).

O contexto pandêmico e o distanciamento social geram sentimentos muito fortes de insegurança, medo, tristeza, luto e frustração. O fato de permanecer dentro de casa já dá outra conotação ao ritual de enfeitar as residências com bandeirolas, fazer pratos típicos e usar a camisa xadrez, por exemplo, que são marcas características das festas juninas. A pandemia dá um sentido diferente à festa: antes da pandemia, a festa se dava no sentido casa – rua, e se fazia uma itinerância para a casa do outro, de casa em casa, onde se provava o licor e fazia aquela prosa e aquela dança etc.; porém, agora, temos um retorno às celebrações familiares, e as festas juninas se modelarão no sentido rua – casa, o fluxo inverte, e o outro já não é desejado em nossas casas, por conta dos riscos de contaminação.

Acontece que, quem pode estar dentro de casa com sua boa conexão de *internet* encontra-se numa situação mais confortável, se é que se pode dizer isso diante do cenário vivenciado. Mas, e quem não pode? As pessoas que precisam sair para trabalhar; as que se aglomeram ao entrarem em ônibus lotados duas ou mais vezes ao dia; as que não dispõem de aparatos tecnológicos ou não os têm de forma qualificada; as que precisam se reunir em manifestações públicas por melhores condições de vida e de trabalho, dentre outras, como dizer a essas pessoas para não fazerem aglomeração na festa, que é justamente seu escape de todo esse contexto? Isso cria uma teia de complexidades, repleta das contradições que são comuns aos nossos tempos.

Sabemos que o distanciamento social é necessário e que isso só vai diminuir quando tivermos vacinas para todas as pessoas. Mas, é complexo dizer para o outro que não é possível fazer festa, principalmente para quem não tem tantas alternativas de lazer, assim como são complexas as relações societárias: se, por um lado, o trabalhador tem de aglomerar no deslocamento de sua casa para o trabalho; por outro, no momento de lazer, além do impedimento social pelas companhias sanitárias, as condições mínimas de sobrevivência social afligem boa parte da população baiana. E tudo isso gera um ambiente de desespero, impactando a saúde mental dessas pessoas que estão

4 Em tempos de pandemia de Covid-19, a doença provocada pelo novo Coronavírus, as principais recomendações das autoridades civis e da Saúde para que a população ajude no combate à proliferação do microrganismo são o distanciamento social ou o isolamento social (no caso dos já infectados) e o reforço nos hábitos de higiene pessoal. Embora a última pareça bastante eficiente, sua atuação será completamente enfraquecida se aglomerações humanas continuarem a ser formadas. Portanto, a prática do distanciamento é imprescindível para o controle da ocorrência pandêmica (ANDRADE; BORDAS, 2020, p. 02).

lutando para sobreviver. Neste sentido, Andrade e Bordas (2020, p. 02-03) comentam que:

Este contexto que se está vivenciando ainda no início do último ano da segunda década do Séc. XXI já se revela complexo e, por conseguinte, confuso, posto que demarcado por contradições: será o começo do fim? Se o conceito de saúde ainda defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é “o completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença e enfermidade” (OPAS, s/d, p. 02), como poderá a pessoa permanecer saudável se se isolar? O distanciamento e o isolamento sociais não poderiam provocar outros quadros de doença para a população? Ou, pior, não poderiam esses comportamentos assumidos bruscamente nos fazerem entrar num processo de desumanização?

Notoriamente, o contexto pandêmico é complexo e cheio de contradições. A festa, que sempre foi considerada uma das atividades humanas mais legítimas, agora é impedida de acontecer. Entretanto, podemos afirmar sem medo de errar que até podem tirar o povo da festa, mas nada há de tirar a festa da humanidade.

Considerações Finais

A festa é o tempo e o espaço do encontro; é lugar de memória, onde se ressignificam e atualizam tradições. Ela dá permissão para que as múltiplas identidades se expressem, mediadas pela cultura e manifestadas no corpo, a partir do imaginário. Presente desde a formação das primeiras comunidades humanas, a festa atua diretamente no processo de humanização e se insere em diferentes âmbitos da vida.

Apesar de sabermos de todas essas características benéficas da festa, ela se encontra ameaçada, ou melhor, impedida de acontecer em decorrência da pandemia da Covid-19. A palavra de ordem do momento é o distanciamento social, e o outro já não pode estar perto, estreitando laços e relacionamentos.

Questionamo-nos sobre os impactos disso tudo sobre a vida futura: será que, mesmo passando a pandemia, conseguiremos voltar a realizar nossas festas como sempre fizemos? Ou será que as “aprendizagens” da pandemia se firmarão e continuaremos nos afastando dos outros para nos sentirmos seguros e protegidos, mesmo quando todos estiverem vacinados? Ou, ainda, como as futuras gerações receberão os relatos que fizemos sobre as festas populares que fazíamos numa época em que a normalidade era outra? Uma coisa é certa: não seremos as mesmas pessoas. Até porque não é possível que passemos intocáveis e inatingíveis por tudo isso. Algo deve ter sido aprendido. Alguma mudança teremos sofrido e devemos sair melhores – até como sinal de respeito por cada vida que se perdeu diante da doença.

Esperamos que não tirem a festa de nós, assim como nos tiraram da festa. E que, brevemente, possamos acender e pular as fogueiras que nos encham de esperança, todos juntos, aglomerados, do jeito que o povo baiano gosta.

Referências

ANDRADE, Carla Borges de; BORDAS, Miguel Angel García. **Distanciamento e isolamento sociais da pessoa social: contradições emergentes em tempos de pandemia.** *WebArtigos*. 2020. Disponível em: <https://www.webartigos.com/storage/app/uploads/public/5e8/48c/777/5e848c777bb2d057918429.pdf> . Acesso em: 01 abr. 2020.

ANDRADE, Carla Borges de *et al.* O corpo na festa de Santa Bárbara sob um olhar etnocenológico. *In: CASTRO JUNIOR, Luís Victor. Festa e corpo: as expressões artísticas nas festas populares baianas.* Salvador: EDUFBA, 2014. p. 35 – 64.

ANDRADE, Carla Borges de. **Infâncias seduzidas pelos desenhos animados**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica**. Coimbra, 1996. Disponível em: <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf> . Acesso em: 10 mar. 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2014.

CASTRO JUNIOR, Luís Vítor. **Festa e corpo: as expressões artísticas nas festas populares baianas**. Salvador: EDUFBA, 2014.

CAVALCANTI, A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V.; ROCHA JUNIOR, C. P. da. Bando Anunciador de Sant'Ana: Cultura, Festa e Lazer nas Ruas da Princesa do Sertão. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 1–29, 2020. DOI: 10.35699/2447-6218.2020.26632. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/26632> . Acesso em: 20 ago. 2021.

COSTA, Daniel Santos. Corpo-Festa: uma proposta poético-político-pedagógica no contexto da educação básica. **Rascunhos**, Uberlândia, MG , v.5 , n.3 , p. 110-130, dezembro, 2018. ISSN 2358-3703. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/43153>. Acesso em: 14 jun. 2021.

COSTA, Daniel Santos; PEREIRA, Sayonara. O corpo é uma festa! Reflexões em torno da oralidade brasileira. In: GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Trad. Eric Nepomuceno. São Paulo: L&PM, 1994. p. 88 – 98.

CUNHA, Jorge Luiz da. Trilhando os caminhos de Mnemosine: a autobiografia do grupo Povo de Clio. In: SOUZA, Elizeu Clementino; PASSEGGI, M^a da Conceição (org.). **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GOFFMAN, Erving. Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf> . Acesso em: 17 fev. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20 n. 2. abr./jun., 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001 . Acesso em: 23 mar. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SCHMIDT, Saraí. De olho na mídia. In: VEIGA-NETO, Alfredo *et al.*; SCHMIDT, Saraí (org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TEDESCO, João Carlos (org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF, 2002.

TRENTIN, Leontina Rita Aocrinte. Humanização: o futuro da humanidade. **Brasil Escola – Meu Artigo**. S/D. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/religiao/humanizacao-futuro-humanidade.htm> . Acesso em: 24 mar. 2020.

Recebido em 28 de junho de 2022.
Aceito em 28 de novembro de 2022.